

A visão crítica da literatura infantil na década de 1980 em *O texto sedutor na literatura infantil*, de Edmir Perrotti

Ligia Beatriz Carvalho de Almeida*

RESUMO: *Utilizando o método analítico proposto por Maria do Rosário Longo Mortatti, desenvolve-se análise da configuração textual da obra O texto sedutor na literatura infantil, de Edmir Perrotti. O método permite compreender: a) a visão do autor sobre a literatura infantil; b) as opções temático-conteudísticas e estruturais-formais do texto; c) a determinação do discurso em função das relações do autor com seu lugar social, momento histórico, necessidades e propósitos estabelecidos com o leitor, circulação e utilização esperadas. Apresenta-se, ainda, o pensamento de Perrotti sobre outros pesquisadores brasileiros da literatura infantil.*

PALAVRAS-CHAVE: *Perrotti; literatura infantil; configuração textual.*

ABSTRACT: *Applying the analytical method proposed by Maria do Rosário Longo Mortatti, it is presented an study of the textual configuration of the book O texto sedutor na literature infantile ,from Edmir Perrotti, allowing to understand: a) author´s concepts about the children's literature; b) thematic contents and structural-formal textual options; c) the speech's determination according to its relationship with the author's place in society, the historical moment; the needs and goals established to reach the reader. This study also presents Perrotti´s thoughts about several other Brazilian researchers of children's literature.*

KEY-WORDS: *Perrotti; children´s literature; textual configuration.*

* Prof. Assistente da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campina Grande, PB. Doutora em Educação, Mestre em Comunicação Midiática. Licenciada em Pedagogia e Bacharel em Comunicação Social. Pesquisadora da relação entre educação e tecnologias da informação e da comunicação.

INTRODUÇÃO

Para compreender a visão sobre a literatura infantil (LI) vigente na década de 1980, analisou-se a obra *O texto sedutor na literatura infantil* de Edmir Perrotti. A escolha pautou-se pelo reconhecimento acadêmico da contribuição crítica ofertada pelo autor e pela obra ao campo de conhecimento, bem como pela importância dos questionamentos surgidos naquele momento em que raros títulos se propunham a tratar do assunto.

Destacando-se conceitos apresentados no livro e inferindo-se outros não explicitamente delimitados, mas centrais à temática, buscou-se responder perguntas como: o que o autor concebia como literatura? Já que o seu objeto de estudo é a LI, qual é a concepção de criança e infância sustentada por ele? Desta forma, esta pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. A primeira utilizou revisão teórica sobre LI. O objeto de estudo da segunda foi livro de Perrotti, adotando para análise de sua configuração textual a metodologia de Maria do Rosário Mortatti, que propõe observar:

[...]aspectos constitutivos de determinado texto, os quais se referem: às opções temático-conteudísticas (o quê?) e estruturais-formais (como?), projetadas por um determinado sujeito (quem?) que se apresenta como autor de um discurso produzido de determinado ponto de vista e lugar social (de onde?) e momento histórico (quando?), movido por certas necessidades (por quê?) e propósitos (para quê?), visando a determinado efeito em determinado tipo de

leitor (para quem?), e logrando determinado tipo de circulação, utilização e repercussão (MORTATTI, 2000, p.31).

Para a pesquisadora, a análise do contexto é fundamental para compreender o pensamento do autor, privilegiando a exposição direta do seu pensamento. Assim, coletam-se dados sobre o autor, sobre a publicação e, na sequência, analisa-se o contexto e o texto.

REFERENCIAL TEÓRICO: A LITERATURA INFANTIL

A massa crítica sobre a produção literária para crianças, corpo de conhecimento acadêmico-científico recente, começou a se formar, no Brasil, no início do século XX. O objetivo tem sido o de organizar um construto teórico que oriente a produção de literatura infantil, subsidie o trabalho do professor e a educação de crianças.

Três etapas identificam a evolução da relação da criança com a literatura no Brasil. Em um primeiro momento, não havia produção específica para ela. Entretanto, as crianças alfabetizadas se dedicavam a leitura de alguns livros escritos para adultos. Posteriormente, o início de atividades da Imprensa Régia, em 1808, possibilitou a publicação dos primeiros títulos infantis (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007). A maioria deles eram traduções e adaptações de obras estrangeiras e refletiam a cultura europeia. Simultaneamente, livros para serem utilizados

especificamente na escola começaram a ser publicados e com eles uma nova tendência: a de se usar o livro infantil como um veículo de formação moral (LOURENÇO FILHO, 1943, p.149). Surgiram, então, questionamentos sobre a existência de diferenças entre literatura escolar didática e LI e acabou-se assumindo a existência de distinção entre as duas, posicionamento que inaugura uma nova fase: a alcunha de LI seria conferida às obras cujo maior compromisso fosse com a estética e a arte. Para Lajolo (2000), Monteiro Lobato foi o pioneiro a produzir LI genuinamente nacional, ao lançar *O Sítio do Pica-pau Amarelo*.

Nota-se que alguns fatores contribuíram para a formação de um campo de estudos em torno da LI. O conceito de infância foi um deles. Por algum tempo, a criança foi considerada um adulto em miniatura, “sem distinções morfológicas, sociais, psicológicas” (ARROYO, 1968, p.120) e, portanto, não se justificava produção específica para ela. O conceito contemporâneo se originou com a consolidação da burguesia. Pelo fato de o poder dessa classe ser de natureza política, não sendo outorgado pelos bens possuídos, para se legitimar ela precisava das instituições família e escola. Como consequência, o núcleo familiar tornou-se a “finalidade existencial do indivíduo, tendo como maior beneficiário a criança. A preservação da infância impõe-se enquanto valor e meta de vida” (LAJOLO;

ZILBERMAN, 2007, p. 16). A imagem de uma criança decifrando o texto de um livro, só veio a ser realidade em decorrência de alguns fatores: a consolidação da imprensa, a existência de programas de alfabetização e de um mercado consumidor dando sustentação para a produção e a circulação de livros em larga escala, com custo popular.

O embate teórico, predominante de 1940 até o fim do século, questionava o que caracterizaria a LI: poderia uma obra de LI ter finalidade instrumental (alertar), utilitária (moldar), didática, ou teria que ser integralmente estética?

Segundo Lourenço Filho (1943), a LI caracterizava-se como um veículo artístico, por meio do qual os ensinamentos chegariam à criança. O final dos anos 1940 revela o pensamento de Cecília Meireles (1979), para quem a perspectiva da produção não tinha valor, contando somente a da apropriação: LI era toda aquela que a criança, por sua livre e espontânea vontade, decidia ler, independente de ter sido escrita especificamente para crianças. Assim, livros que tinham adultos como público alvo podiam ser considerados LI, por ela. Já Fernando Azevedo (1952) condena o uso de texto literário como forma de doutrinação infantil, entendendo LI como força criadora capaz de contribuir para que a fantasia infantil transforme o real. Arroyo (1968, p. 11-12), por sua vez, demonstrava inquietação com os traços culturais. Para o pesquisador, LI poderia denotar

“realidade mais ampla, [...] ser em cada país considerada expressão geral de sua cultura, com profundas raízes no passado, portanto ligada aos sentimentos do povo, suas tradições e aspirações”, estando encarregada de transmitir a cultura. Na década de 1980, constata-se a defesa de Nelly Novaes Coelho (1984) de que a natureza da literatura pertencia tanto à literatura quanto à pedagogia. Já Perrotti (1986), Lajolo e Zilberman (2007) relacionam LI exclusivamente à esteticidade, não admitindo vínculos entre ela e finalidades escolares.

No século XXI, em um contexto mais complexo no mercado editorial admite-se que vários fatores se somam para determinar a produção e a circulação da LI, não se leva em conta apenas o fato de o texto literário ter sido produzido para crianças ou desse público ter se apropriado dele. Para considerá-lo LI deve ser um texto ficcional, mas não exclusivamente estético, originando-se de tensões entre os atores inseridos na instância da enunciação: mercado editorial, secretarias de educação, escritor, pesquisador, professor, escola e pais, que formam “a cadeia produtiva do livro” (ROSA, ODONE, 2007, p.192).

O volume de vendas de livros para o consumidor final no Brasil é pouco significativo, refletindo a pouca valorização da leitura para a média dos brasileiros, que o consideram um produto caro. Tanto a dinâmica de distribuição dos produtos literários, quanto os valores envolvidos na impressão

representam um entrave para o financiamento de uma publicação pelo próprio autor, que se torna dependente das editoras e de seus critérios mercadológicos. O governo federal adquire grandes tiragens de livros voltados ao público infantil para distribuição nas escolas públicas. Dessa forma, o Estado assume o papel de expressivo influenciador em relação à regulação do mercado produtivo. A academia colabora para a consolidação do conhecimento teórico e a formação dos professores, além de oferecer efetiva contribuição para o desenho de políticas públicas de leitura. A escola se comporta como o mais ativo, quando não o único, agente de incentivo à leitura infantil, proporcionando acesso gratuito da criança aos livros infantis. O professor, e os pais com menor frequência, são os incentivadores diretos da leitura. Em geral, o docente indica obra do acervo da escola para o aluno e cobra o conteúdo em avaliação. Outra possibilidade é a recomendação de títulos pelo professor, que são adquiridos com recursos da própria escola. Nesse percurso, a criança não tem nenhuma participação e o ato de leitura que deveria ser para ela de fruição, assume contornos de obrigação.

ANÁLISE DA CONFIGURAÇÃO TEXTUAL

Nesta segunda parte, apresenta-se a análise do livro *O texto sedutor na literatura infantil* de Perrotti.

a) O autor

Perrotti é crítico da produção literária para jovens e crianças, além de ser pesquisador, professor, escritor e trabalhar ativamente para incentivar a leitura e a organização de bibliotecas escolares. Sua carreira e produção são extensas. Seus dados biográficos, expostos nos parágrafos subsequentes, foram coletados em entrevista realizada por Pivatto (2000), com o autor.

Paulistano, nasceu em 03 de maio de 1945. Toda a sua formação, do ensino básico ao superior, foi realizada na cidade de São Paulo, SP. Graduiu-se em Letras - Português e Francês - na Universidade de São Paulo (USP), em 1971.

Foi professor de português e francês e diretor substituto em escolas públicas de São Paulo. Nos anos de 1974 e 1975, cursou mestrado em Ciências da Informação e da Comunicação na Universidade de Bordeaux na França. Lá estudou literatura e estagiou em Bruxelas, Bélgica, na área de difusão de livros.

Retornando ao Brasil, foi Diretor de Escola no Estado do Piauí, em 1976 e 1977. Passou, então, a dedicar-se ao ensino superior, lecionando na Universidade Metodista de Piracicaba e nas Faculdades Morumbi e Anhembi em São Paulo, até 1985. A partir de 1983, passou a dar aulas na Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA/USP).

Fez novo mestrado, dessa vez em Ciências da Comunicação na ECA/USP, defendendo a dissertação *A crise do discurso utilitário – contribuição para o estudo da literatura brasileira para crianças e jovens*, em 1984, trabalho que veio a se transformar no livro *O texto sedutor na literatura infantil*, aqui analisado. Doutorou-se na mesma escola em 1989. Sua tese *O leitor na cultura: a promoção da leitura infantil e juvenil* foi a base para o livro *Confinamento cultural, infância e leitura*.

Entre 1991 e 1992, voltou à Europa onde estagiou na modalidade *Estudo de políticas de instituições de informações culturais* (PIVATTO, 2000, p. 56-58).

Atuou na imprensa, desenvolvendo críticas literárias para o jornal *O Estado de São Paulo* e para a revista *Nova Escola*. Dedicou-se a trabalhos editoriais, dirigindo coleções na *Paulinas Editora* e publicando diversos livros de autoria própria ou adaptações (PIVATTO, 2000, p. 3-8 anexo 1).

De acordo com as informações em seu currículo lattes (PERROTTI, 2014), aposentou-se em 2004 como professor da ECA/USP, permanecendo na Instituição como docente e pesquisador, ministrando aulas para a Graduação e Pós Graduação, orientando trabalhos de conclusão de curso e dissertações de mestrado. Realiza pesquisas em: infoeducação, dispositivos informacionais, saberes informacionais, redes culturais, metodologia colaborativa, leitura; literatura infantil e

juvenil. Ao longo de sua carreira recebeu diversos prêmios e títulos (PERROTTI, 2014).

Acerca da produção bibliográfica, como o autor tem um grande número de livros publicados, optou-se por apresentá-los sinteticamente, tomando por base as informações de seu currículo lattes. Deixou-se de mencionar aqueles que não abordam a temática literatura-leitura, por fugirem ao escopo deste trabalho.

A maior parte da produção tematiza a literatura, a escrita e a circulação de livros. O autor tem livros *de* e *sobre* LI. A obra em análise, *O Texto Sedutor Na Literatura Infantil*, discorre sobre literatura infantil. Após tê-la elaborado, Edmir adaptou e criou vários livros de LI, como: *O minotauro*, *Terezinha de Jesus*, *O bordado encantado*, *Atirei o pau no gato*, *O cravo brigou com a rosa*, *Ciranda cirandinha*, *Enquanto seu lobo não vem* e *Lobo, estás ahí?* Organizou diversos títulos que reúnem poemas e contos de autores variados, entre eles: *Roda de Histórias*, *Outras histórias do Brasil*, *Quem quiser que conte outra*, *Gata miada*, *azul*, *azulada*, *Clave de lua e outras claves*, *Clave de lua e Afuganchos*. Entre as obras sobre literatura infantil e leitura pode-se mencionar: *Sistema Documentário da Biblioteca Escolar Interativa*; *Literatura Infantil e Juvenil e Práticas de Leitura*; *Espaços de leitura*; *Confinamento Cultural*, *Infância e Leitura*.

b) A obra: *O texto sedutor na literatura infantil*

O livro foi publicado em 1986 pela editora *Ícone*, na cidade de São Paulo. Inserida na coleção *Educação Crítica*, foi catalogado como *literatura infanto-juvenil - história e crítica*. Sua apresentação é bastante simples. O livro tem 160 páginas e mede 21 X 13 cm. A encadernação não tem orelhas, nem prefácio ou posfácio.

Após uma introdução em que apresenta a situação problema, os objetivos e a metodologia adotada, seguem-se os seguintes capítulos: Discurso estético e discurso utilitário; Do instrumental ao utilitário; A expansão do discurso utilitário: a literatura para crianças e jovens no Brasil; As novas concepções da literatura para crianças no Brasil: a crise do utilitarismo; O *caneco de prata*: a crise do discurso utilitário; A geração 70 – impasses e renovação e, enfim, o que ele chama de “Tentativa de conclusão” e Referências bibliográficas.

Não foi possível localizar informações a respeito da quantidade de edições produzidas, nem sobre a tiragem da primeira edição; é provável que tenha existido apenas uma edição. Vale ressaltar que a busca pela obra, tanto por título quanto por autor, na atual base de dados da Editora *Ícone*¹, resultou em não localização. Atualmente, o título está esgotado.

c) O contexto literário de produção e publicação do livro

¹ O endereço eletrônico da editora é www.iconeeditora.com.br.

O livro foi escrito no início da década de 1980 e publicado em 1986. Reflete uma situação-problema que envolve a mudança de paradigma em torno do discurso utilizado nos livros infantis, cujas raízes o próprio autor situa na década anterior:

[...] a substituição gradativa do modelo discursivo [utilitário] por outro [estético], enquanto modelo dominante. O processo cria bases nos anos 70, permanecendo em ascensão nos anos atuais, o que equivaler dizer que a literatura para crianças e jovens passa em nosso país por processo de redefinição como, todo nosso processo cultural, toda a sociedade brasileira (PERROTTI, 1986, p.19).

Segundo o autor, naquele contexto histórico observava-se o fato de que “uma geração de escritores [...] em conjunto colocara em crise, com seus trabalhos, a concepção utilitária da literatura para crianças e jovens [...]” (PERROTTI, 1986, p.11). A produção da LI que teria sido, até a década de 1970, balizada pela intencionalidade didática, se libertara na década de 1980, sendo possível constatar, a partir de então, vínculos com a estética.

Outro aspecto é destacado por Mortatti, para quem a visão da LI brasileira no início da década de 1980 é determinada por enfoque envolvendo “a teoria literária, a história da literatura brasileira e a história da leitura, com abordagem sociológica e marxista, característica do clima acadêmico-científico nas ciências humanas” (MORTATTI, 2008, p. 47). Considerando,

especificamente, a ótica do autor analisado, Mortatti contextualiza:

Do ponto de vista do bibliotecário de formação e pesquisador em ciência da informação, o ‘boom’ da literatura infanto juvenil brasileira, a partir dos anos de 70, caracterizou-se pela busca dessa esteticidade/literariedade, justamente porque é quando os escritores retomam a tradição lobateana [...] (MORTATTI, 2008, p. 48).

No posicionamento de Mortatti, observa-se a referência a um movimento de autores que aderem à transformação sugerida por Lobato. A transformação só foi possível em face de uma nova configuração social, na qual o conceito de democracia e o de infância haviam se transformado, bem como o de educação, conforme os novos parâmetros qualitativos e quantitativos.

d)O texto

O autor aborda o discurso utilizado na LI. Informa que embora o rótulo “literatura para crianças e jovens” inclua manifestações variadas, seu interesse recai sobre obras de ficção para crianças (PERROTTI, 1986, p. 19). Apesar de fazer menção a alguns títulos infantis, ele seleciona para avaliar o livro *O caneco de prata* (MARINHO, 1971, por considerá-lo representativo de uma ordem de valores verdadeiramente literária. Para entender essa afirmação de Perrotti é necessário, primeiro, compreender o que é infância para ele, pois o conceito irá balizar seu raciocínio analítico.

Uma vez que o autor não o faz de forma explícita, é possível no capítulo *Geração 70 impasses e renovação* em que diversos livros são analisados, delimitar citações que permitem inferir a concepção que se tinha da criança e do comportamento que dela se esperava. Conceitos esses considerados, na análise do autor, norteadores das características evidenciadoras da nova concepção do discurso estético da literatura para crianças e jovens, “enquanto leitor esperava-se da criança um comportamento participante” (PERROTTI, 1986, p. 118), assim sendo, ela estaria apta a acrescentar significado ao que lê. Ao analisar a obra *Raul da Ferrugem Azul*, de Machado, o autor destaca a “valorização da criança ativa, participante, não-conformista”, portadora de “emoção” e de “dificuldades psicológicas” (PERROTTI, 1986, p. 122). Em *Marcelo, Marmelo, Martelo*, de Ruth Rocha, Perrotti ressalta a valorização de: “a criatividade da criança”, “o pensamento crítico face às convenções sociais”, “o saber infantil”, “o questionamento de relações de poder que conferem aos adultos autoridade indiscriminada sobre a criança” (PERROTTI, 1986, p. 128). O público-alvo da literatura infanto-juvenil, idealizado pelo autor, é, então, um cidadão crítico, com direito à voz, contestador da ordem estabelecida, capaz de estabelecer relações de forma autônoma.

Deve-se entender também como Perrotti considera a contribuição dos pesquisadores da LI brasileira à formação da “nova ordem de valores”. Para a formação do conceito de LI no Brasil, ele destaca a contribuição de vários autores: Lourenço Filho e Cecília Meireles, Fernando Azevedo e Leonardo Arroyo, Nelly Novaes Coelho, Marisa Lajolo, Zinda M. C. de Vasconcellos e Fulvia Rosemberg. Para melhor visualização, reuniu-se em um quadro as citações diretas de Perrotti sobre os autores, o que permite acompanhar a visão do autor sobre as transformações sofridas pelo conceito ao longo das décadas e os valores em evidência na década de 1980, quando ele produz o livro. No quadro indicam-se as páginas nas quais as informações podem ser localizadas na obra de Perrotti.

Teóricos	Considerações de Perrotti
Marisa Lajolo e Zinda M. C. Vasconcellos	“[Para as autoras] a literatura para crianças e jovens apresentou-se munida de discurso que visava primeiro atuar junto ao leitor, no sentido de integrá-lo à ordem social dominante [...], discurso classista, identificado com as forças sociais dominantes” (PERROTTI, 1986, p.16).
Fulvia Rosemberg	“Analisou quase 200 obras (1955-75) que caracterizaram o uso do ‘discurso autoritário’ sem ‘dinâmica dramática interna’. Nelas, ‘critérios externos’ determinam os rumos, resultando em ‘gênero enfadonho’, o ‘narrador assume a postura de professor’ que pratica o ‘maniqueísmo cultural’” (ibid, 1986, p. 16-17).
Leonardo Arroyo e Nelly Coelho	“[Realizou] trabalhos de ‘cunho histórico [...] que fornecem a dimensão temporal do fenômeno’ e reconhecem ‘sempre a existência de um discurso voltado para o ensinamento’”. Nelly “atualiza o trabalho de Arroyo” (ibid, 1986, p.17).

Fernando Azevedo	"[Desenvolveu] análise pioneira e rica das correlações entre o tipo de discurso literário dirigido à criança e a sociedade que o promove, de forma similar a adotada pelo estruturalismo genético de Goldman". (1986, p. 18). "[...] [tinha a visão] de literatura como superação do cotidiano, como 'catarsis' e não como doutrinação do destinatário" (ibid, 1986, p.78)
Cecília Meireles	"[Para Cecília] tudo é uma Literatura só [literatura e literatura infantil]". As características são "essência da verdade capaz de satisfazer a inquietação humana"; "qualidades de estilo irresistíveis, ainda quando nada transmitam de urgente ou de essencial" (MEIRELLES apud PERROTTI, 1986, p.18).
Lourenço Filho	Traz uma "síntese esclarecedora da LCJ [literatura para crianças e jovens]". (1986 p.18). "Duas ideias centrais de Lourenço Filho: literatura para crianças enquanto arte e necessidade de 'estética evolutiva'" (PERROTTI,1986, p.73). A LI "teria, de um lado, compromissos com a linguagem geral da Arte: de outro consideraria condições específicas do público [...] psicológicas, afetivas, intelectuais, socio-culturais" (ibid, 1986, p. 77).

Quadro 1. Contribuição, para Perrotti, dos teóricos da LI brasileira.
Fonte: elaborado pela autora, 2013.

Perrotti se propõe a analisar o livro *O caneco de prata*, munido da disposição de “mostrar em que medida a obra de João Carlos Marinho Silva rompeu efetivamente a tradição discursiva reinante, adotando padrões que a inseriram em outra ordem de valores” (1986, p.15). A ruptura, a que se refere, reflete a transição do discurso utilitário para o estético. Mapeando as diferenças entre os discursos utilitário e estético, destaca que “o ‘discurso utilitário’ obedece a razões externas ao próprio discurso, vale dizer, se organiza para agir sobre o leitor, o ‘discurso estético’ não ‘se orienta para além de si mesmo’” (PERROTTI, 1986, p.15).

O caneco de prata “[...] revela poética preocupada não mais com a transmissão de certezas, de alinhamentos rígidos do

mundo, mas com seu questionamento, caso o leitor deseje, pois tal decisão também cabe a ele” (PERROTTI, 1986, p. 15), posicionamento coerente com a concepção de criança mantida por Perrotti.

O conceito de literatura exprime, para ele, íntima relação com o não-utilitarismo e com a arte-estética. Assim, há comprometimento prioritário “com a Arte e não com a Pedagogia” (PERROTTI, 1986, p. 14). Considera a impossibilidade de na obra literária atendera “critérios alheios à dinâmica interna da própria obra” (PERROTTI, 1986, p. 12). O uso da metalinguagem está a serviço da arte-estética e, por meio dela, a LI “pode fazer indagações radicais para o seu público, demonstrar perplexidade, questionar seu papel em um país como o Brasil” (PERROTTI, 1986, p. 13).

Para exemplificar liames aceitáveis entre arte e utilitarismo, recorre à Cecília Meirelles: “a beleza pode ser útil em seu aproveitamento e não no seu aparecimento” (PERROTTI, 1986 p. 18).

Perrotti reconstrói o percurso da transformação do discurso instrumental em estético, ressalta que o discurso instrumental foi um modelo de comunicação utilitária, usado da Antiguidade ao período anterior à ascensão da classe burguesa, no século XVII e direcionado às diversas faixas etárias, não exclusivamente às

crianças e aos jovens, que visava instruir divertindo (PERROTTI, 1986, p.143-147).

O autor assim definia o discurso utilitário, que se apresentava imbuído de intencionalidade didática:

Procurou sempre oferecer atitudes morais e padrões de conduta a serem seguidos, ordenando os elementos narrativos em função de tal finalidade exterior. Tais atitudes e padrões inseriram-se na ordem da sociedade que os promoveu, uma vez que tal discurso buscou não somente adaptar a criança à vida social, mas adaptá-lo a um determinado modelo social: o burguês (PERROTTI, 1986, p. 117).

No século XX, principalmente na década de 1970, adotou-se *o discurso utilitário às avessas*²:

Consistia no questionamento dos conteúdos burgueses, dentro de padrões discursivos idênticos ao utilizado pela tradição, ou seja, dentro do modelo utilitário. Na verdade, [...] apenas mudavam de feição, adaptando-se aos interesses contemporâneos [...] (PERROTTI, 1986, p.117-118).

Este foi observado em algumas obras de transição entre os discursos utilitário e estético e conviveu com o estético em alguns títulos, evidenciando a dificuldade de adesão integral a ele, mesmo por autores empenhados na renovação, como Ana Maria Machado e Ruth Rocha (PERROTTI, 1986, p. 118, 122, 128).

O discurso estético, destacado por Perrotti, é aquele que “toma o partido da criança, procurando valorizar o seu sentir e

² Tipo de discurso em que “esquemas tradicionais ressurgem, disfarçados, em obras que, para Escarpit, estariam ‘em ruptura aparente como o passado’”(PERROTTI, 1986, p. 52).

modo de ser” (PERROTTI, 1986, p. 123), não precisa se submeter às regras da realidade, pode romper o princípio da verossimilhança, quebrar a linearidade temporal. Nele, “o motor da narrativa não é a eficácia, mas a expressão do universo afetivo do locutor, que deseja compartilhá-lo ‘desinteressadamente’ com o leitor, caso este se ache disponível” (PERROTTI, 1986, p. 136).

Ao elaborar breve análise de amostra de trabalhos da década de 1970, Perrotti evidencia a existência de oscilação discursiva entre a tradição e o novo na transição entre o discurso utilitário e o estético. Escolhe três autores, que considera os mais empenhados na renovação do discurso e que utilizam, nas obras avaliadas, a fórmula do “discurso utilitário às avessas”. Os livros analisados são: *Raul da Ferrugem Azul*, de Ana Maria Machado; *Marcelo, Marmelo, Martelo* de Ruth Rocha; *A curiosidade premiada*, de Fernanda Lopes de Almeida. O percurso analítico revela categorias elencadas como representativas do novo discurso. Destaca, contudo, que todas as obras transformam a narrativa em discurso utilitário, assumindo um tom professoral ou apresentando o uso demagógico do final feliz. A presença do discurso utilitário faz com que o discurso ficcional não se sustente até o final da obra, rompendo com importante condição da esteticidade (PERROTTI, 1986, p. 117-135).

O autor dedica-se ainda a rápida análise e menção de obras

que, para ele, se situam integralmente no novo paradigma discursivo estético e “colocam em causa a ideia do utilitarismo como motor da criação literária dirigida a crianças e jovens”(PERROTTI, 1986, p. 138). São elas: *Os colegas* e *Corda-Bamba*, de Lygia Bojunga Nunes; *Bisa, Bia, Bisa Bel*, *História meio ao contrário*, de Ana Maria Machado; *O que os olhos não vêem* e *O reizinho mandão*, de Ruth Rocha; *O misterioso rapto de Flor-do-Sereno*, de Haroldo Bruno; *Flicts* de Ziraldo; *Asdrúbal*, de Elvira Vigna; *Uma ideia toda azul* e *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, de Marina Colasanti.

Procede então à análise detalhada da crise do discurso utilitário no *O Caneco de Prata*, do autor João Carlos Marinho Silva.

Para Perrotti (1986, p. 83), “um mesmo recurso altera-se em função de sua articulação com os vários elementos que compõem a gramática da narrativa”. Partindo dessa premissa, sua análise incidirá sobre as relações mantidas entre os elementos que compõem a estrutura ficcional: enredo, personagens, tempo e espaço; balizadas pela relação entre o narrador e o leitor. Relação que, diferentemente do que ocorre no discurso estético, no discurso utilitário assume a configuração de “doutrinação” (PERROTTI, 1986, p. 83).

O fio condutor da narrativa em *O caneco de prata* é um torneio de futebol e a disputa final entre duas escolas que querem

vencer e levar o prêmio: um caneco de prata. Há, no entanto, outro eixo composto por narrativas que deslocam o discurso para a vida social das personagens envolvidas na trama. Perrotti ressalta o não paralelismo entre os dois eixos: “Não existe a pretensão por parte do narrador de ‘enriquecer’ o campeonato de futebol com a moldura social onde ele ocorre” (PERROTTI, 1986, p. 86). O destaque principal do narrador recai sobre o mundo social e não sobre o futebol, o que pode ser observado “pelo processo de redução do discurso que trata do campeonato a gráficos, ícones ou onomatopeias” (PERROTTI, 1986, p. 86).

A obra de ficção tematiza a vida em sociedade não idealizada, em oposição ao que ocorria até a década de 1970, quando se ocultavam da criança os conflitos de interesses que caracterizam a sociedade de classes. Na leitura do adulto Perrotti, a obra de ficção mostra “os grupos sociais em estado de contradição [...], a própria natureza do modelo consumista é colocada na berlinda” (PERROTTI, 1986, p. 94) ao se expor “a sua incapacidade estrutural em oferecer condições satisfatórias de existência aos homens em geral” (PERROTTI, 1986, p. 95). Da mesma forma, para ele, desmistifica-se a crença na função da psicanálise e da ciência como soluções inequívocas para os problemas humanos (PERROTTI, 1986, p.102-103). Todavia, o crítico de LI afirma que o uso do *non sense*, pelo envolvimento da narrativa em “situações incrivelmente absurdas”, desautoriza

“a transposição mecânica entre texto e contexto” (PERROTTI, 1986, p. 111).

A análise do autor é extensa, com citação de diversas passagens do livro e apresentação de argumentos a favor da hipótese de que a obra é alicerçada pelo discurso estético. Para Perrotti, as estratégias utilizadas por João Carlos Marinho Silva são:

- Paródia da tradição literária brasileira, usando longas descrições naturalistas que provocam a expansão de discursos para além do campeonato de futebol (PERROTTI, 1986, p. 89).
- Adoção de novas relações de poder entre quem narra e quem lê. O narrador tem como público idealizado um leitor participante, assim sendo, oferece a ele narrativas fragmentadas e desordenadas. Espera dele uma reciprocidade: “só mediante sua participação é que o significado se compõe”. A relação entre os dois não é aquela em que “o primeiro impõe-se ao segundo”, é a de cumplicidade (PERROTTI, 1986, p.91).
- Rompimento com a relação linear de tempo/espço. Esta não é dada em função da linearidade dos jogos disputados, mas pela interferência do grupo nas partidas (PERROTTI, 1986, p. 93).
- Questionamento de ícones propostos pela ordem social, como posse do capital, da ciência e da tecnologia. A posse de recursos financeiros, o consumismo, o acesso à psicanálise e à tecnologia atuam na narrativa, sendo, contudo incapazes de resolver problemas emocionais, o que dá margem à construção de reflexões sobre “a natureza do modelo social que se pretende oferecer como padrão a ser seguido ou desejado por todas as classes” (PERROTTI, 1986, p. 94, 101, 103).
- Espelhamento de estratégias de persuasão social. A narrativa é conduzida de forma a possibilitar ao leitor o estabelecimento de pontes entre os acontecimentos ficcionais e os reais. Determinada

situação narrativa mostra um discurso que, imposto no início, transforma-se em consentido. Outra, reflete as práticas de exclusão social dos portadores de comportamentos divergentes (PERROTTI, 1986, p.107).

-
- Uso do recurso do *non-sense* na narrativa, a negação do patriotismo “no sentido condenado, evitando mentir para o leitor” (PERROTTI, 1986, p.111).
-
- A reafirmação da condição de texto ficcional está presente na última linha da obra, autorizando o leitor a alçá-lo à condição de ficção, ou pelo menos a permanecer em dúvida, quanto à existência de vínculos entre a obra e a realidade: “Mas o dono do hospício veio dançando pelo corredor e depois pegou no meu livro e escreveu fim” (MARINHO apud PERROTTI, 1986, p. 112).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A configuração textual, como metodologia de análise, permitiu ampliar a visão sobre a obra *O texto sedutor na literatura infantil*, possibilitando que se compreendesse melhor o pensamento e as motivações do autor, oriundas de sua formação, de sua atuação e do contexto no qual o livro foi produzido.

Perrotti integrou uma geração de estudiosos da literatura infantil pós-lobatiana, que colheu frutos das reflexões de diversos pesquisadores que a sucederam. A defesa da esteticidade e os critérios de análise adotados respondem a período em que a didaticidade imperou e norteou a produção para crianças e jovens, quando escritores e livros infantis não tinham relação com o universo literário.

Perrotti, um leitor experiente, pós-graduado e crítico, analisa *O caneco de prata* com os olhos de um adulto e se compraz com a combinação entre o humor refinado, o *non sense* e as críticas sociais tecidas por Marinho. Nota-se, porém o limiar frágil entre o estético e o utilitário. Dessa forma, mesmo concordando com muitos dos argumentos de Perrotti não é possível aceitar integralmente seu posicionamento, principalmente quanto a todos os trechos do livro que categoriza como estéticos. Entre os elementos estéticos está plantada a intencionalidade de João Carlos Marinho. Os elementos ficcionais se alternam com situações da vida cotidiana do pré-adolescente da classe média: a escola, o namoro, a competição, o relacionamento com os amigos e os professores. Situado em um paradigma que não pretende só proteger as crianças, mas prepará-las para a vida, Marinho parece desejar que o pré-adolescente reflita sobre as questões e valores que permeiam o mundo adulto: a ética, as falcatruas, a confiança, o medo e o poder econômico.

Considera-se que João Carlos Marinho da Silva e os outros autores analisados por Perrotti têm, em alguns momentos, uma intencionalidade discursiva que se aproxima do discurso “utilitário às avessas”, posicionado na contramão da ideologia dominante à época.

O conceito de infância, família e escola sofrem constantes alterações e, ainda hoje, se considera o próprio conceito de

literatura infantil em formulação. Nesse contexto, considera-se que a análise da obra de Perrotti é importante contribuição e leitura essencial aos estudiosos da LI e sua evolução no Brasil.

REFERÊNCIAS

ARROYO, L. *Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

AZEVEDO, F. A literatura infantil numa perspectiva sociológica. In: _____. *Sociologia*, São Paulo, v. 14, p. 43-63, 1952.

COELHO, N. N. *A literatura infantil: história, teoria, análise*. São Paulo: Quiron, 1984.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira*. São Paulo: Ática, 2007.

LAJOLO, M. *Monteiro Lobato: um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LOURENÇO FILHO, M. B. Como aperfeiçoar a literatura infantil. *Revista Brasileira*. Rio de Janeiro, v. 3, n. 7, p. 146-69, 1943.

MARINHO, J. C. *O Caneco de Prata*. São Paulo: Moderna, 1971.

MEIRELES, C. *Problemas da literatura infantil*. Brasília: Summus/INL/MEC, 1979.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Os sentidos da alfabetização* (São Paulo - 1876/1994). São Paulo:UNESP, 2000.

_____. *Literatura infantil e/ou juvenil: a “prima pobre” da pesquisa em Letras?*.Guavira Letras- Revista do Programa de Pós-graduação em letras da UFMS, v. 6, p. 44-53, mar, 2008.

PERROTTI, E. *O texto sedutor na literatura infantil*. São Paulo:Ícone, 1986. 160 p.

_____. *Currículo Lattes*. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/3159202958465443>>. Acesso em: 28 maio 2014.

PIVATTO, N. S. *O bordado encantado, de Edmir Perrotti: a busca da conciliação entre ética formativa e discurso estético*. Marília:UNESP, 2000. 113 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP, Marília, 2000, p. 56-58.

ROSA, F. G. M. G.; ODDONE, N. *Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca*.Ci. Inf., Brasília, v. 35, n. 3, p. 183-193, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.oei.es/fomentolectura/politicas_publicas_livro_leitura_biblioteca.pdf>. Acesso em: 28 maio 2014.